



A Pintura Histórica e Militar no Século XIX: Aspectos Teóricos e Metodológicos da Representação da Tradição Militar.

Paulo André Leira Parente*

I. Objetivos da Palestra:

1. Identificar a pintura histórica e militar como uma fonte para o estudo da história e da memória na construção da idéia de nação no século XIX.

2. Relacionar diferentes formas de reconstrução do passado através das imagens no embate entre história e memória sob o ponto de vista da metodologia da história e dos valores militares.

3. Interpretar e relacionar exemplos da pintura histórica e militar brasileira do século XIX.

III. História e Museologia: duas Tradições em Busca do Passado.

O estudo das imagens como testemunhos do passado, ou vestígios de uma época anterior, foi incorporado muito recentemente à ciência histórica. Por parte de diversos historiadores ainda identificamos uma certa resistência em aceitar a imagem produzida no passado como

uma fonte histórica plenamente legítima em suas características. Devido aos avanços da metodologia da história nos campos de investigação da História Social, da História Cultural e da História do Poder, tais desconfiças começam a diminuir, ainda que lentamente.

É importante ressaltar que na perspectiva da metodologia da história, não se trata de substituir as fontes tradicionais utilizadas pelos historiadores, tais como os documentos manuscritos, por exemplo, pelas fontes iconográficas, mas sim, complementar seus estudos e pesquisas com fontes adicionais que favoreçam a elaboração de novos problemas e hipóteses na construção do conhecimento sobre o passado. Isto porque, as imagens produzidas no passado podem permitir ao historiador alcançar um ponto de vista sutil e diferente em relação às estruturas do passado

*O autor é Doutor em História, professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -UNIRIO e Sócio Emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

que busca conhecer. E ver a realidade de uma forma diferente significa aprender. Assim, podemos aprender sobre o passado através do conjunto de imagens que produziu sobre si próprio. Imagens complexas, variadas, gravadas em meios técnicos diferentes, que, no entanto, chegaram até o presente ainda em condições de comunicar uma mensagem à nossa cultura.

A resistência de parte dos historiadores deve ser respeitada. A História alcançou sua condição científica no âmbito das Ciências Sociais apoiando-se no estudo metódico de documentos escritos guardados em arquivos, que, apesar de variados e nem sempre institucionais, ainda assim, são compreendidos pelos historiadores como arquivos. Entretanto, gostaria de chamar a atenção para um fundamento mais antigo da atual ciência histórica que poderá esclarecer melhor sobre o seu perfil como ciência e profissão.

A tradição do que entendemos hoje como história parece ter uma data e um local de nascimento relativamente seguros: o século V a. C., na Atenas clássica vitoriosa sobre os persas ao fim das guerras médicas. A história surgiu com Heródoto

no ato de investigar e contar sobre um evento passado. Não qualquer passado, mas sim, um passado próximo, grandioso, no qual os acontecimentos marcaram uma geração. Justamente por isto, o tem central da obra de Heródoto é a guerra.

Podemos seguir uma longa tradição na qual observamos que a história permaneceu relativamente fiel a estrutura originária desenvolvida pelos historiadores do V século. Não significa que sejam histórias iguais, mas sim, que mantiveram uma mesma atitude frente ao passado: investigar, escrever e contar sobre o passado. Assim, podemos alinhar uma longa tradição na qual os historiadores formaram sua ciência e profissão: Heródoto, Tucídides, Políbio, Tácito, Tito Lívio, a narrativa bíblica, Eusébio de Cesaréia, as hagiografias medievais, as crônicas dos heróis, dos reis, das nações, na Idade Média, Maquiavel, Vico, Montesquieu, Gibbon, Ranke, Michelet, Alexandre Herkulanos, Varnhagen, Mommsen, enfim, chegamos ao século XX. Na tradição historiográfica identificamos que o historiador parte de uma narrativa baseada em textos que demandam a compreensão do documento. Assim:



Narrativa - Texto - Documento

Gostaria de fazer uma rápida comparação com a Museologia. Os colecionadores na antigüidade e os antiquários ao final da Idade Média e durante o Renascimento, acumularam um saber na experiência dos sentidos. Criaram uma percepção e valoração do passado através de uma profunda preocupação com seus vestígios físicos. Foram atentos aos detalhes dos objetos e no ato de colecionar pretendiam recuperar antigos costumes, tradições, formas de viver o cotidiano, em sua própria cultura ou em culturas diferentes. Valorizaram os objetos antigos, hoje entendidos como históricos e culturais, como testemunhos seguros para a reconstrução do passado.

O renascimento agregou o mesenato e o ato de colecionar, que busca atingir o passado e compreendê-lo através de um outro percurso válido, fez surgir com a modernidade as coleções privadas, as coleções reais e nobiliárquicas, as coleções nacionais, militares, etnográficas, zoológicas, botânicas, comemorativas, históricas, culturais, os “lugares da memória”, dentre outras expressões. A partir do século XIX, as instituições

e academias ligadas a este saber buscaram uma perspectiva totalizante no contato com a história nacional. Atuaram de maneira decisiva na formação de uma identidade coletiva e nacional a partir de mecanismos diferentes daqueles da tradição historiográfica. Assim, podemos sugerir que os museus, em geral, seguiram o percurso:

Objetos - Imagens - Monumento

Outro percurso e outra tradição. O desafio atual reside em fazê-las convergir através da interdisciplinaridade. Conforme o historiador Paul Zunthor, significa transformar o documento em monumento. Hoje em dia os museus estabelecem uma relação entre presente e passado que pode ser construída a partir da história ou da memória. O conteúdo de ambas é o passado. No entanto, podem se referir ao mesmo objeto de maneira diferente ou mesmo oposta.

IV. História Memória: convergências e divergências na reconstrução do passado.

História: é um conhecimento cientificamente direcionado, mesmo que não alcance um status científico pleno - o que, aliás, também pode ser objeto de discussão nas ciências exatas.

Memória: a memória é objeto de estudo em ciências distintas, tais como a antropologia, a sociologia, a medicina, a biologia, a psicologia, a história, a museologia, dentre outras. No âmbito da história, particularmente, interessa-nos os campos da memória coletiva e social. É interessante comparar história e memória a partir de sua estrutura de conhecimento, pois ambas se manifestam na pintura histórica e militar. Assim:

Memória Coletiva: Simplificadora dos acontecimentos articula-se em torno de um fato fundador que anula outros fatos precedentes e posteriores (da terra, da liberdade, da nacionalidade, etc.); mito; espaços emblemáticos; lugares da memória; imóvel; espaço como referência fundamental; tradição oral; evento axial; repetitiva; ética da convicção; tradição; memória coletiva, memória social, memória etnológica.

História: Complexa; análise histórica e metódica; análise de tempos distintos (curto, médio e longa duração); dinâmica, eixo na referência temporal; relativização do espaço; escrita; problematiza; cognitiva, ética da responsabilidade; refutação; história coletiva, história social; historiografia.

Obs: É curioso observar que ambas se utilizam da tática do esquecimento social decorrente de articulações de poder. (Formas histórico-jurídicas do esquecimento: anistia, prescrição e decadência.) Memória e história disputam a primazia na pintura histórica e militar: campo privilegiado para o embate entre a história e a memória.

V. Pressupostos teórico-metodológicos para o estudo da pintura (imagem) militar como fonte histórica.

1. O conceito de imagem é amplo para os historiadores e comporta vários significados ou registros possíveis de uma realidade, seja ela objetiva (histórica) ou intangível (representação). A imagem pode se manifestar de maneira complexa e variada em seu registro e, com isso, assumir formas variadas de sua construção artística, ideológica ou tecnológica. Trataremos apenas das imagens bidimensionais, mas lembramos que existem muitas outras que também podem servir como fontes para a compreensão do passado. Assim, a imagem sem movimento poderá ser:

- * Gravura em pedra;
- * Desenho;
- * Pintura;
- * Bico-de-Pena;



- * Aquarela;
- * Cartografia;
- * Cartazes;
- * Fotografia;
- * Panorâmicas;
- * Grafites, dentre outras.

2. A imagem não é necessariamente auto-evidente em suas informações. Pode esconder e revelar significados. Deve ser analisada com rigor metodológico, pois comporta signos e significados mais ou menos explícitos e, também, significantes originários que se perderam ao longo do tempo e nem sempre podem ser recuperados. Cabe ao historiador que usa a imagem como fonte histórica decodificar tais informações e construir uma interpretação coerente.

3. A imagem aplicada aos estudos históricos deve estar relacionada a uma estrutura narrativa ou a uma problemática cujo contexto permite inquirir sobre o passado. Ou seja, a imagem pode ampliar a compreensão do historiador, entretanto, o uso exclusivo de uma imagem não permite uma reconstrução completa do passado. Sem o suporte de informações adicionais e a relação a uma narrativa-problema o uso da imagem pode se transformar em estética.

4. O uso da imagem nos estudos históricos deve privilegiar a for-

mação de redes relacionais que possibilitem ao historiador ligar várias imagens entre si e compreendidas a partir de conceitos teóricos e problemáticas historiográficas. É necessário considerar um problema de estudo para ser respondido ou avaliado metodicamente. A imagem isolada permite lançar perguntas ao passado, entretanto, não deve guiar as conclusões do historiador sob o risco de generalizar um evento específico.

5. A imagem militar pode ser interpretada a partir de várias perspectivas teórico-metodológicas que envolvem campos de estudo no âmbito da guerra, do soldado em suas dimensões sociais, tais como a micro-história, a história social, a história das instituições e do poder, a história da vida quotidiana, dentre outros aspectos possíveis. Cabe ao historiador explorar tais possibilidades através de uma leitura construída a partir de conceitos teóricos e dotada de procedimentos metodológicos. A interpretação não é o resultado da opinião e descrever é um ponto de partida e não a conclusão.

6. É necessário considerar a formação de uma sensibilidade própria na construção da imagem militar a

partir da segunda metade do século XIX, cujas referências são principalmente: a Guerra da Criméia, a Guerra Franco-Prussiana, a Guerra Civil Americana, as Guerras de conquista do sudeste asiático e, no Brasil, destacamos a Guerra da Tríplice Aliança. Esta sensibilidade própria surgiu a partir do daguerreótipo, a fotografia militar, as montagens panorâmicas, o teatro de guerra popular surgido ao final das guerras napoleônicas, alguns espetáculos de ópera que expressam valores do presente e remetem a idealização da cena para o passado no âmbito de conflitos e das guerras, etc. Esta sensibilidade ainda se manifesta nos dias atuais através da pintura, da fotografia, dos documentários, do cinema e da produção de seriados ambientados na guerra. A Pintura Militar no século XIX expressou um refinamento desta sensibilidade e formou uma tradição. Expressou o papel das guerras na formação da idéia de nação e na consciência da nacionalidade.

7. O que ver na imagem militar? Sob o ponto de vista da metodologia da história em sua abordagem social e do poder considerando a imagem como uma fonte adicional, identificamos algumas sugestões, dentre outras:

* Papel social e hierarquias sociais;

- * Comunidade e identidade militar;
- * Grupos Militares;
- * Classe e Status;
- * Mobilidade social;
- * Símbolos;
- * Reciprocidade;
- * Poder;
- * Sexo e Gênero: mulher, criança, escravo, nativo, oficiais, soldados, etc.
- * Solidariedade;
- * Mentalidade e ideologia;
- * Fatos fundadores;
- * Vultos;
- * Feitos e gestos;
- * Organização institucional e postura militar.

8. Sob o ponto de vista dos valores militares, dentre outros, destacamos:

- * A carreira das armas;
- * Caráter;
- * Disciplina;
- * Lealdade;
- * Obediência;
- * Decisão;
- * Respeito;
- * Confiança;
- * Coragem;
- * Camaradagem;
- * Justiça;
- * Postura;
- * Bom humor;
- * Amor ao trabalho;



- * Iniciativa;
- * Vonatde, dentre outros possíveis.

VI. Metodologias e Procedimentos (Como Ver A Imagem Militar).

1. Aplicação da Semiótica da Imagem e da Semiótica Planar:

* Análise das redes de significados internas na formação de uma imagem que permitem ao historiador decodificar signos da imagem. O signo indica uma qualidade que define ou sintetiza o objeto, ou seja, algo que o objeto possui de fundamental em sua comunicação. O signo/Ícone distingue o objeto ao reproduzi-lo ou imitá-lo por certos traços constitutivos em comum com o objeto representado. O Ícone pode se referir a um objeto sem existência empírica.

* A relação do ícone com o objeto nunca está completa, pois coincide com o objeto em um certo número de qualidades, enquanto muitas outras características podem escapar de sua representação. É importante perceber também, particularmente na análise das pinturas históricas e militares do século XIX, que um ícone maior de uma imagem pode abranger outros ícones menores ou parciais como

meio de composição para uma “paisagem histórica” complexa.

* Ícones menores e parciais são fundamentais na representação da pintura histórica e militar do século XIX, pois através deles, a composição da imagem final representada nas pinturas adquire uma capacidade complexa de relacionar significados e, assim, “contar uma história” com refinamento, sensibilidade e profundidade.

* A imagem não é a realidade, mas sim, uma representação que informa sobre o passado através de códigos de uma época utilizada no estudo de uma época em particular. A composição da imagem em duas dimensões inseridas em um plano (pinturas, fotografias, cartazes, quadros, quadrinhos, cartografia, aquarelas, etc.) estabelece categorias visuais específicas que, em sua expressão, se relacionam diretamente com o conteúdo central da imagem. No caso das pinturas históricas e militares do século XIX, construíram uma representação possível do passado que buscava exatidão e veracidade sem perder o ponto de vista épico e dos valores militares. Entretanto, o filtro exercido pelos valores e crenças no ato de pintar, formando um juízo pré-

vio, lança ao historiador o desafio de buscar um ponto de equilíbrio entre a verdade histórica e a representação idealizada do passado em sua interpretação. Para isto é preciso relacionar a imagem com sua época e com o seu autor. As imagens são mensagens que informam sobre uma experiência vivida e fragmentos de uma ação, no caso da pintura histórica e militar. O desafio do historiador é relacionar corretamente o que foi captado pela imagem e tornar a imagem um “texto visual” que conta uma história.

2. Heurística da Imagem; ver anexo.

3. Hermenêutica da imagem. ver anexo.

VII. Aspectos da Pintura Histórica e Militar no Século XIX.

1. Origens: o período que se estende entre a Revolução Francesa e as Guerras Napoleônicas, que criaram um gosto próprio relacionado com a construção da identidade nacional ao destacar a vitória nas guerras e valorizar um passado épico e glorioso, com destaque para o passado militar, que, aliás, também será valorizado pela historiografia deste período conforme identificamos nas

obras de Ranke. No Brasil a pintura histórica e militar tem início com Debret e a “Missão Francesa” e a representação de cenas de poder, tais como “A Coroação de D. Pedro I”. Também identificamos Pedro Américo e Vítor Meireles, com sua influência francesa e italiana.

2. Características: Solenidade, narrativa histórica e militar, criatividade na arte de “contar uma história”, observação de acontecimentos identificadores da nacionalidade, valores referenciais da nação e valores militares, articulação de cenas, gestos, ambientes ligados a história pátria e a vida militar. Expressava uma pedagogia que unia a estética da arte com a história. Por isto, suas representações da linhagem da nação que ligava os mortos e os vivos em um mesmo ideal, passado e presente, tradição e atualidade. Busca de uma identidade nacional sob o ponto de vista histórico e militar.

3. Declínio: Almeida Júnior: A Partida da Monção, realismo, regionalismo e naturalismo na arte, contrários à grandiosidade da história e dos feitos militares. Os temas militares são substituídos pelas cenas da vida quotidiana, familiar, regional e de pessoas comuns.